

O VESTIDO

Margaret Jensen

Mary era uma jovem que acalentava o sonho de amar e servir a Deus. John, agitado e impaciente em seu novo pastorado na zona rural de Wisconsin, sentia saudades das bibliotecas e da agitação de Nova York ou de Chicago, onde cursara o seminário. A mente brilhante de John só pensava em livros. Mary via beleza em tudo - no aroma da terra recém-arada, no cântico de um passarinho, nos primeiros indícios da primavera, nas cores do açafão e das violetas. Mary cantava para o vento e ria com os passarinhos.

Cultivava, porém, um desejo secreto: queria ter um vestido novo para a primavera. Não um vestido discreto ou preto, apropriado para uma esposa de pastor, mas um vestido de tecido leve e esvoaçante, com renda na gola e nas mangas, e com um cinto largo.

Mas não havia dinheiro para isso! Ela começou a fazer planos.

Guardaria moedas em uma caixa até conseguir dinheiro suficiente para comprar um novo lampião de querosene para John e material para o vestido novo. Aproveitaria a renda de um antigo vestido de veludo guardado no baú. Algum dia, ela faria um vestido de veludo azul para sua filhinha Louise.

Chegou o dia em que o ruído da máquina de costura se fazia ouvir como música, enquanto Mary cantava e costurava. Louise, de cabelos dourados, brincava com carretéis vazios e alfinetes. A pequena casa brilhava de tão limpa. O novo lampião ocupava um lugar de honra na mesa de leitura de John.

Com ar de brincadeira, Mary soltou seus longos cabelos castanhos e os escovou sob o sol da manhã. Em seguida, colocou o vestido novo cor-de-rosa, de tecido leve, com violetas e rendas. Prendeu o cinto nas costas e começou a dançar enquanto Louise dava gritos de alegria. Era primavera! Ela era jovem, tinha apenas 23 anos, uma vida nova dentro de si e Louise para acalentar e amar. A igreja rural, os carrancudos imigrantes que aravam a terra, e o longo inverno impiedoso haviam isolado a jovem esposa em seu mundo de poesia e música. Mas ela aprendera a amar as pessoas fervorosas e compartilhava suas alegrias e tristezas. Hoje, ela dançava alegre e descontraída em seu novo vestido esvoaçante.

Um puxão tão rápido quanto o clarão de um relâmpago obrigou Mary a girar o corpo e ter de encarar o rosto irado de John, cujas frustrações acumuladas desencadearam toda a fúria que havia dentro dele.

- Dinheiro gasto com futilidades! Não há bibliotecas, não há livros... ninguém para conversar, a não ser para falar de vacas e galinhas, plantação e colheita.

A raiva de John irrompeu como um vulcão em erupção, e ele rasgou o vestido até transformá-lo em tiras. Assim que o acesso de fúria chegou ao fim, o silêncio aterrador que se seguiu foi quebrado pelo galope do cavalo de John. Cavalgando com o vento batendo no rosto, ele canalizou o restante de sua raiva para as vacas e galinhas, que fugiam assustadas do caminho. Seu

coração ansiava por galopar de Wisconsin até o centro de Nova York - até sua querida biblioteca.

Acocorada em um canto, Mary apertava Louise e o vestido em frangalhos entre os braços. Tremendo de medo e de raiva, ela não conseguia sair do lugar. Exaurida demais para chorar, sentia um enorme vazio dentro dela e uma saudade indescritível de sua mãe. Não havia ninguém a quem recorrer naquela região longínqua. Mary lembrou-se do Salmo 34.4: "Busquei o SENHOR, e ele me acolheu;

livrou-me de todos os meus temores." Em seguida, as lágrimas brotaram, intensas e profundas, e ela clamou ao Senhor.

Mary começou a pensar em uma maneira de fugir. Improvisaria uma cama no sótão e levaria Louise para dormir com ela. John dormiria sozinho. Ela dobrou o vestido estraçalhado e o escondeu no baú. O pastor Hansen chegaria para visitar as igrejas das imediações, e Mary decidiu aguardar aquele dia para mostrar o vestido a ele.

Depois, pediria a ajuda dele para abandonar John e retornar à casa de sua mãe. Com uma determinação silenciosa, ela colocou o vestido escuro, prendeu muito bem os cabelos, como convinha a uma esposa de pastor, e arrumou a mesa para o jantar. Quando John retornou tarde da noite, encontrou seu jantar no forno. Mary estava dormindo no sótão, com Louise aninhada em seus braços.

John jantou em silêncio e procurou por Mary. Quando a encontrou no sótão, ele ordenou-lhe que voltasse para sua cama e colocasse Louise no berço. Mary colocou Louise com muito cuidado no berço e, obedientemente, voltou para sua cama. A fúria de John havia passado, mas ele desconhecia o rastro de devastação que ficou pelo caminho.

A vida prosseguiu em sua rotina, mas a canção deixou de existir; e, agora, os passos de Mary eram pesados de amargura. Ela aguardava em silêncio, ruminando seus planos.

A chegada do pastor Hansen trouxe uma nova alegria a John.

Agora, os dois pastores conversavam sobre livros, teologia e as conferências que seriam realizadas na igreja. Mary os servia em silêncio. Ninguém podia imaginar a angústia que existia por trás daquele rosto bondoso enquanto ela assistia aos cultos ao lado de crentes fervorosos, sem prestar a mínima atenção aos sermões.

a último dia da visita estava se aproximando, e Mary ainda não havia tido a oportunidade de conversar a sós com o pastor Hansen. Seria necessário encontrar uma abertura, talvez na tarde de domingo, enquanto John estivesse visitando um membro da igreja impossibilitado de comparecer ao templo, e enquanto o pastor Hansen estivesse meditando sobre o sermão da noite. Com a mente girando, ela decidiu prestar atenção ao sermão da manhã, e talvez usar os comentários do pregador para introduzir a sua conversa com o pastor Hansen.

- a texto desta manhã é encontrado em Marcos 11.25. "E, quando estiverdes orando, se tendes alguma coisa contra alguém, perdoai..." a perdão não é opcional, mas uma decisão definitiva de perdoar, em obediência

ao mandamento de Deus. A sensação vem depois, uma sensação de paz. Quando apresentamos diante de Deus as nossas mágoas e desespero, Ele derrama seu amor e compaixão nas feridas abertas e nos cura.

Ah, não!, Mary chorou intimamente. Não posso perdoar e não vou conseguir esquecer.

A sermão prosseguiu:

- Alguém deve estar pensando: Eu nunca vou esquecer, mesmo depois de perdoar. Você tem razão. Não pode esquecer, mas não precisa sentir-se destruído pela lembrança. O amor de Deus e seu perdão têm o poder de amortecer a memória até que as marcas desapareçam. Quando perdoamos, devemos destruir a evidência e deixar que o amor tome conta de nossa mente.

John e o pastor Hansen foram para casa no carro do diácono Olsen. Mary subiu em sua charrete, prendeu o chapéu preto com um lenço e segurou Louise de encontro ao peito. Enquanto a mula Dolly trotava animadamente pela estrada, lágrimas quentes começaram a rolar pelo rosto de Mary.

Ela sabia o que deveria fazer. Obedeceria a Deus. Sem esperar para desatrelar Dolly, ela desceu rápido da charrete e colocou Louise no berço. Com as mãos trêmulas, retirou o vestido estraçalhado do baú. O jantar do domingo estava no forno. Mary atçou o fogo e colocou mais lenha. Preparou o café automaticamente e arrumou a mesa. A evidência deve ser destruída. A frase martelava em sua memória. Eu o perdôo, John. Ela pegou o vestido estraçalhado com uma das mãos e abriu a tampa do forno com a outra. As lágrimas estalavam no fogo enquanto ela observava o vestido sendo queimado lentamente.

O verdadeiro perdão destrói a evidência. As palavras estavam tão vivas em seu coração que ela não ouviu os passos de John.

- Mary, o que você está fazendo?

Com a voz trêmula pelos soluços, ela respondeu:

- Estou destruindo a evidência.

E, para si mesma, ela disse: - Minha oferta a Deus.

Foi, então, que John se lembrou! Pálido e abalado, ele murmurou:

- Por favor, perdoe-me!

Cinqüenta e oito anos depois, quando John já havia partido para morar com o Senhor, deixando uma saudade imensa, Mary teve um sonho. Três anjos apareceram diante dela e disseram:

- Venha, vamos fazer uma comemoração.

Dobrado ao meio, sobre o braço de um dos anjos, havia um lindo vestido.